

AS DAMAS DO IMPÉRIO INVISÍVEL: AS MULHERES NA KU KLUX KLAN NOS ANOS 20

Bárbara Aragon

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Contemporânea UFF

Resumo: Nesta comunicação procuro investigar o papel das mulheres na organização segregacionista Ku Klux Klan no recorte temporal de 1920. Tal recorte se dá por chamar a atenção a existência de um ramo exclusivamente feminino da KKK e ter se aproximado do movimento feminista sufragista da época. Partirei, então, da análise do papel dessas mulheres dentro do Klan, da dinâmica própria do ramo feminino e refletir acerca da aproximação com o movimento sufragista.

Palavras chave: feminismo, racismo,

O presente artigo é fruto de reflexões já presentes em pesquisa mais extensa da autora que vos escreve, sendo parte do trabalho de conclusão de curso que teve como objeto as mulheres na Ku Klux Klan na contemporaneidade.¹ Dessa forma, grande parte das questões aqui tratadas já foram previamente elucidadas, porém acrescentadas de reflexões adicionais e que devido ao recorte temporal da pesquisa já elaborada, aqui se cria espaço para as particularidades dos anos 20.

Neste curto trabalho, pretendo retomar brevemente as origens da Ku Klux Klan como grupo organizado e demonstrar em que momento e quais motivos levaram a criação do braço especificamente feminino da organização supremacista branca, a *Women of The Klu Klux Klan*, hoje não mais existente. O recorte temporal aqui escolhido é para aprofundar na questão mais intrigante deste período, sendo esta a aproximação do grupo com o movimento sufragista estadunidense nos anos 20, conhecido também como primeira onda do feminismo. Sendo importante para levantar questões tais como: “quais as ligações do grupo racista com um movimento progressista?”, “quais os interesses de ambos os lados com esta aproximação?”, “o *Women of the KKK* é feminista?”, “as sufragistas eram racistas?”, “por qual motivo tantas mulheres estavam se organizando e militando nesta época – seja qual fosse sua ideologia?”.

Aqui me comprometo a responder tais questões com aquilo já descoberto, agora adicionado de novas informações, somando a outras informações da bibliografia e

¹ ARAGON, B. *Women in AmeriKKKa: as mulheres no Ku Klux Klan contemporâneo*. Universidade Federal Fluminense, 2018.

fontes primárias para que mantenha-se o teor histórico e seja possível entender as rupturas e continuidades dadas antes e após a criação e o desmantelamento do ramo feminino do grupo de ódio mais antigo dos Estados Unidos.

O início

Há uma certa dúvida e alguns mitos em torno da origem do Ku Klux Klan, que foi mantida em segredo por anos, algumas das especulações sugerem que o nascimento do grupo se deu de uma ordem secreta de chineses contrabandistas de ópio, ou que os primeiros membros foram prisioneiros confederados durante a Guerra Civil americana e até mesmo a teoria que atribui o nome à algum documento judeu que se referiria à escravidão dos Hebreus pelos faraós egípcios. Porém como atestado em diversos trabalhos prudentes e acadêmicos, o KKK foi criado em dezembro de 1865, na cidade de Polaski no Tennessee, onde seis homens jovens bem instruídos se reuniram de forma secreta para discutir suas ideias de uma nova sociedade diante das mudanças trazidas pela Guerra Civil americana, formando um grupo que seria organizado com membros com funções determinadas, como líder, assistente, mensageiros, líder de admissão, secretários e guardas. Este grupo foi ganhando mais membros, a ponto de que em 1865, já cavalgavam pelas cidades vizinhas aterrorizando casas de famílias negras, ameaçando-os de novas "visitas" caso não se comportassem. E não levou muito tempo para que essas ameaças virassem ataques violentos contra os negros.²

A questão parece óbvia, no entanto é fundamental ressaltar o que queriam expressar com "negros que não se comportam". Depois da Guerra Civil, sabe-se que o "Norte" ao vencer, passou a tomar diversas medidas na região sul estadunidense com a intenção de integrar novamente os estados sulistas ao território e tomando medidas para a integração dos negros antes escravizados, agora libertos na sociedade. Antes mesmo da KKK se tornar o grupo que reunira as diversas insatisfações com a nova dinâmica da sociedade, já havia outros grupos formando patrulhas e vigilâncias armadas em nome da autodefesa.³ Sulistas brancos pobres e muitos donos de plantação sentiram o amargo gosto da derrota, não apenas na batalha em si, mas em quase tudo aquilo que se tratou de seus modos sociais e econômicos de vida. Esse conjunto de pessoas ameaçadas por

²BAUDOIN, Richard E. *Ku Klux Klan: a history of racism and violence*. Southern Poverty Law Center, 1997. p.9

³TUCKER, Richard K. *The dragon and the cross: the rise and fall of the Ku Klux Klan in Middle America*. Hamden, Conn: Archon Books, 1991. P.19

todas as esferas que norteiam a vida social passaram a entender o extenso número de escravos agora libertos que viveriam entre eles, especialmente na época da Reconstrução, como uma verdadeira ameaça às suas propriedades e estilos de vida. Assim, com o tempo, o Klan, devido a seu caráter mais secreto e misterioso com suas simbologias, agregou a maioria desses grupos já existentes e se tornou o líder da manutenção da supremacia branca.

Não tardando para se tornarem violentos, começaram a se utilizar de práticas de violência física contra os negros, e graças ao caráter secreto do grupo e sua expansão no Sul, qualquer um poderia vestir sua máscara branca e sair na noite cometendo diversos crimes e de fato, foi o que ocorreu. Houve assaltos, roubos, estupros, incêndios criminosos e assassinatos, todos sob o véu da autodefesa e vigilância que o KKK defendia. Com a política da Reconstrução ficando mais rígida, até mesmo por causa das violências cometidas pelo Klan, em abril de 1867, o grupo que agora se encontrava ameaçado, organizou um encontro de todos os seus segmentos onde planejariam, entre outras coisas, a resposta da KKK à nova política de Reconstrução Federal. Dentro do próprio grupo, a escalada da violência foi vista como um alarmante crescente - não necessariamente porque eles tinham simpatia pelas vítimas, mas pelo que já foi dito anteriormente sobre a perda de controle sobre as práticas criminosas que vinham acontecendo sob a cobertura da KKK.

A chamada convenção de Nashville foi convocada para lidar com esses problemas, criando ali uma rede de comando e decidindo exatamente que tipo de organização a Klan seria. O encontro estabeleceu como filosofia oficial a supremacia branca como o credo fundamental da Ku Klux Klan e além disso, decidiram ali modificar suas estratégias e táticas que agora já não eram mais bem vistas pela sociedade tanto política quanto a civil, assumindo assim, a natureza plena de uma força secreta e poderosa.

Todas as táticas agora familiares do Klan datam deste período: as ameaças direcionadas a negros, radicais e outros inimigos, alertando-os para deixar a cidade; os ataques noturnos contra indivíduos que foram escolhidos para tratamento mais violento; e as manifestações em massa de homens mascarados e vestidos da Klan, projetadas para lançar sua longa sombra de medo sobre a comunidade problemática.⁴

⁴BAUDOIN, Richard E. op.cit.p.14. – *All the now-familiar tactics of the Klan date from this period – the threats delivered to blacks, radicals and other enemies warning them to leave town; the night raids on*

As histórias de violências cometidas em nome de "restaurar" e proteger a supremacia branca estavam cada vez sendo mais conhecidas pelo território estadunidense e conseqüentemente, os Republicanos do Norte começaram a compreender o KKK como uma organização terrorista dentro do próprio país. No entanto, como Baudouin aponta, na década de 1860, era apenas uma minoria aqueles que iam contra as ações do Klan, isso porque, dentro da organização havia diversos membros que exerciam poder e influência na sociedade, como editores, antigos oficiais Confederados, líderes políticos, ministros sendo importante destacar que nessa primeira fase do KKK, apenas homens podiam ser integrantes.

Com os ataques crescendo, brigas internas entre os próprios Klans e ataques diretos ao grupo por ordem do Congresso, depois de duas investigações e do programa de Reconstrução, o próprio líder, general confederado Nathan Bedford Forrest – o primeiro *Grand Imperial Wizard*⁵ – ordenou em 1869 que a ordem da Ku Klux Klan fosse dissolvida. A questão é que não foi o bastante para o desaparecimento do Klan, pelo contrário, na década de 1870, a violência só se estendeu. Chegando em um determinado ponto de ebulição em que o Congresso americano em 1871 aprovou o *Enforcement Act* ou *Third Ku Klux Klan Act* que autorizava o Presidente a suspender o *habeas corpus* para combater a KKK e outras organizações de supremacia branca, além de proibir cavalgadas noturnas e uso de máscaras.

Porém, seria superficial crer que apenas os esforços legais fizeram que o Klan se dispersasse, o que de fato ocorreu, de acordo com Baudouin, foi que os líderes do Sul haviam recuperado sua influência e o Klan já não era mais necessário:

As leis provavelmente amorteceram o entusiasmo pelo Ku Klux Klan, mas eles não podem ser creditados com a destruição da ordem encapuzada. Em meados da década de 1870, os sulistas brancos não precisavam do Klan tanto quanto antes, porque nessa época haviam retomado o controle da maioria dos governos estaduais do sul. O terror do Klan provou ser muito eficaz em manter os eleitores negros longe das pesquisas. Alguns funcionários negros foram enforcados e muitos outros foram brutalmente espancados. Democratas brancos do Sul ganharam as eleições facilmente e depois

individuals they singled out for rougher treatment; and the mass demonstrations of masked and robed Klansmen designed to cast their long shadow of fear over a troubled community.

⁵ Grand Imperial Wizard: o chefe geral, ou nacional, de um Klan, que às vezes se compara ao presidente dos Estados Unidos.

aprovaram leis que tiravam os direitos que os negros haviam conquistado durante a Reconstrução.⁶

Além do fato de que neste momento o conjunto leis conhecido como Jim Crow, passou a ser aplicado, institucionalizando um sistema oficial de segregação que por 80 anos garantiu que os negros "se comportassem" como o desejado.

O renascimento do grupo

Parecia que o Ku Klux Klan não seria mais necessário ou se quer lembrado, mas alguns fatores que novamente atacaram a dinâmica social, econômica e cultural da sociedade americana, agitaram esse movimento que até então parecia adormecido. Três questões em especial fizeram com que o grupo encapuzado revivesse; a primeira delas foi a maciça imigração proveniente da Europa no auge da Segunda Revolução Industrial, onde as condições extremamente precárias de trabalho e a Grande Fome de 1840 da Irlanda influenciou diretamente a vinda de 23 milhões de pessoas da Grã-Bretanha, Itália, Hungria e Rússia, além disso, o segundo grande fator influenciador foi a Primeira Guerra Mundial, que despertou um sentimento voraz de ódio e desconfiança de tudo aquilo que fosse estranho aos americanos e por último, menos expressivo, porém bastante explicativo, no Sul na década de 1890 houve um movimento agrário Populista que tinha se espalhado por todo *Deep South* que tentou formar uma coalizão de negros e brancos pobres contra principalmente donos de moinhos e latifundiários, especialmente os conservadores. Isso gerou uma reação da aristocracia e um sentimento espalhado por todo o Sul de que os negros tinham que ser impedidos de participar da dinâmica da sociedade.⁷

Influenciado pelo filme *The Birth of a Nation*, do diretor D. W. Griffith - filme amplamente conhecido por difundir a imagem heróica da Ku Klux Klan, reforçar estereótipos dos negros e sublinhar a pureza da mulher branca - William J. Simmons, um veterano da Guerra Hispano-Americana, se dedicou em reviver a Ku Klux Klan. Nesse renascimento, a Klan foi incorporada numa imagem de benevolência e caridade e

⁶BAUDOIN, R. op.cit.p. - *The laws probably dampened the enthusiasm for the Ku Klux Klan, but they can hardly be credited with destroying the hooded order. By the mid-1870s, white Southerners didn't need the Klan as much as before because they had by that time retaken control of most Southern state governments. Klan terror had proven very effective at keeping black voters away from the polls. Some black office holders were hanged and many more were brutally beaten. White Southern Democrats won elections easily and then passed laws taking away the rights blacks had won during Reconstruction*

⁷Idem, p.15

seus membros se concentravam especialmente em cidadãos dos setores médios da sociedade. Como Richard Tucker nos conta: “No início, não havia cavalgadas noturnas. A primeira imagem da nova Klan foi a de apenas outra associação que enfatizava o patriotismo e a exclusividade da raça branca. Era protestante, mas não abertamente anti-católica ou anti-semita.”⁸

Contudo, com o tempo, essa nova era da KKK demonstrou um crescimento exponencial, já que em 1921, havia mais de 100 mil membros envolvidos com o Império Invisível, e custando apenas 10 dólares a inscrição, os lucros eram fascinantes.⁹ Foi neste momento que o sentimento de 100% Americanismo, adicionado à convicções como anti-catolicismo, anti-semitismo, anti-imigração e racismo atingiu seu ápice. A mensagem agora era clara, todos aqueles que fossem "anti-americanos" ou aqueles que praticassem ações que ameaçassem os "valores americanos", como alcoolismo, prostituição, promiscuidade, festas noturnas, deveriam ser atacados em nome da defesa do "*true american*".

Façamos aqui uma pausa para a compreensão das raízes do que querem dizer com "Americanismo", "valores americanos" e o que é ser um "*true american*". Como Stephanie Shanks-Meile e Betty A. Dobratz no livro *White power, white pride: the White separatists movement in the United States* explicam, muitos, devido à antigas obras jornalísticas e de cientistas sociais, acreditam que a Ku Klux Klan era formada apenas por brancos pobres, pouco ou nada escolarizados, caracterizando o verdadeiro "*redneck*" (caipira) ou pejorativamente conhecido como "*white trash*" (lixo branco). A verdade é que os trabalhos acadêmicos atuais que estudam tal organização, descobriram que muitos membros vieram de áreas urbanas, faziam parte dos setores médios, sendo até mesmo políticos e que, apesar de todos serem protestantes, eram frequentemente fundamentalistas. Na realidade, um membro médio da Klan caracterizaria quase que perfeitamente um cidadão médio americano e se isso consta, devemos notar que os

⁸TUCKER, Richard K. *The dragon and the cross: the rise and fall of the Ku Klux Klan in Middle America*. Hamden, Conn: Archon Books, 1991. P.23 - *At first, there was no night riding. The first image of the new Klan was that of just another lodge that stressed patriotism and the exclusiveness of the white race. It was Protestant, but not openly anti-Catholic or anti-Semitic.*

⁹BAUDOIN, Richard E. *op.cit.*p.17

valores do Klan - apesar de variarem de preocupações dependendo de cada região - refletiam alguns valores enraizados da sociedade americana.¹⁰

Estes credos em torno do Americanismo e do verdadeiro americano se baseiam muito na crença de serem o "povo eleito" da "terra prometida", proveniente da ideia protestante do Destino Manifesto, além disso, como a socióloga Kathleen Blee destaca, muitas das convicções sustentadas dentro do Klan, se encaixavam com a cultura branca protestante, onde especialmente no Meio-Oeste, era valorizada a homogeneidade religiosa e racial e o sentimento de desconfiança em relação à estrangeiros. O que deve ser salientado é a noção de que o Ku Klux Klan não era um desvio da sociedade americana, uma condição patológica de alguns, ou uma anomalia social. A Ku Klux Klan espelha muito do que sustenta a história da sociedade americana até hoje.

Em vez de ver o KKK simplesmente como uma aberração na sociedade americana na década de 1920, deve-se entender como, de certa forma, o grupo estava de acordo com grande parte dos valores da sociedade americana. Reconhecer isso não só nos dá uma visão mais precisa do Klan, mas também nos diz muito sobre os Estados Unidos naquela época.¹¹

Surgem as mulheres no Klan

São estes mesmos fatores que levam ao auge em relação a extensão do grupo e que observamos as mulheres surgirem como personagens ativos dentro da Ku Klux Klan. A Klan nos anos 20 havia atingindo 3 milhões de membros, entre eles incluindo crianças e mulheres¹² - a história americana também estava vivendo a chamada 1ª onda feminista.

Devido a disseminação de idéias mais liberais e até mesmo socialistas sendo disseminadas nos Estados Unidos desde finais do século XIX, a demanda por igualdade de gênero elevou, as mulheres dos Estados Unidos, desde o século XIX já se encontravam engajadas em algumas lutas que envolviam seus direitos, desde seus envolvimento com a luta abolicionista, ao mesmo tempo que organizavam marchas

¹⁰DOB RATZ, Betty A.; SHANKS-MEILE, Stephanie L. *White power, white pride!: the white separatist movement in the United States*. Twayne Pub, 1997. p. 40-42

¹¹DOB RATZ, Betty A.; SHANKS-MEILE, Stephanie L. op.cit.p. 42. *Rather than seeing the KKK simply as an aberration in American society in the 1920s, one should understand how in certain ways it agreed with much of the values in American society. Recognizing this not only gives us a more accurate view of the Klan but also tells us much about the United States at that time.*

¹²BAUDOIN, Richard E. op.cit.p.22

contra suas condições de trabalho, ou as condições domésticas¹³. No entanto, é no início do século XX, com os movimentos sufragistas ocorrendo especialmente no Reino Unido, que a luta feminista irrompe no continente americano com mais força. No início do século, mas especialmente no pós Primeira Guerra, este movimento se fortalece e a pressão aumenta, já que com os homens no *front*, os Estados Unidos – e outros países beligerantes – tiveram que se voltar às mulheres, para que estas ficassem responsáveis pelas manufaturas e outros setores da indústria da guerra continuassem a funcionar. Com o sucesso da guerra, a economia intacta nos Estados Unidos, não teria motivo para negar àquelas que auxiliaram a manter o país “em ordem” sua cidadania plena.¹⁴

Quanto às mulheres do Klan nessa conjuntura, pode-se pensar que por fazerem parte de uma organização conservadora no geral, sendo racista, xenófoba e até então majoritariamente masculina, as mulheres seriam figuras inexistentes, ou mesmo que ativas no grupo, seriam completamente anti-feministas, de fato eram, porém a participação de mulheres na maior organização supremacista branca dos Estados Unidos demonstra que estas reivindicavam certas pautas femininas – e importante ressaltar que pautas porém não feministas - além de uma clara mudança do papel da mulher na vida pública e privada nos anos 20.

Foi em 1923 que as mulheres já envolvidas em atividades relacionadas ao Klan ou à manutenção da supremacia branca, decidiram fundar um ramo separado, porém auxiliador do grupo original; esse ramo seria nomeado *Women of the Ku Klux Klan*, grupo que sustentaria os mesmos credos do Ku Klux Klan inicial, porém garantindo certa autonomia de suas ações e também defendendo algumas pautas exclusivamente femininas. Contudo, sabe-se que o direito de voto para as mulheres só foi conquistado nacionalmente em 1919 com a Emenda Dezenove. Então qual fora o papel das mulheres no Ku Klux Klan nesta época e o que essa época influenciou nas mulheres do Ku Klux Klan?

Antes da WKKK ser formada, elas participaram fortemente do movimento de temperança nos Estados Unidos, movimento este que se posicionava contra a venda e consumo de bebida alcoólica. Essas mulheres lutavam contra essas questões, pois acreditavam que com o consumo de álcool, as consequências desastrosas alcançariam a

¹³DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.p.45-48

¹⁴ VALCÁRCEL, A. UNITED NATIONS. ECONOMIC COMMISSION FOR LATIN AMERICA et al. *The collective memory and challenges of feminism*. P.5. United Nations Publications, 2002.

atmosfera doméstica, principalmente. É importante ressaltar que as mulheres, tanto as supremacistas brancas, quando as brancas "comuns" dos setores médios, eram compreendidas dentro dos ideais que faziam parte do que alguns historiadores, como Barbara Welter, denominam de *Cult of True Womanhood*, um conjunto de ideais provenientes do século XIX, que sustentavam quais eram as verdadeiras virtudes de uma mulher (protestante), centradas nas ideias de piedade feminina, pureza, submissão e domesticidade das mulheres.¹⁵ Estes ideais configuravam muito daquilo que uma mulher ideal do Klan deveria ser. Assim, as mulheres neste momento tomaram pra si, como o papel principal, zelar o ambiente doméstico e foi a partir do movimento de temperança que puseram em prática tal responsabilidade que se creditaram.

De acordo com a historiadora K. Kerbawy na sua tese sobre mulheres do Ku Klux Klan nos anos 20, as mulheres supremacistas brancas acreditavam que os principais consumidores de álcool eram principalmente negros e imigrantes, creditando a eles a responsabilidade pelo declínio moral das comunidades em que viviam. Essas mulheres acreditavam que por auxiliarem a erradicar o consumo de álcool, principalmente adicionando suas doses de ideologia e racismo na luta, elas estariam auxiliando a manutenção da supremacia branca, além de estarem protegendo suas casas e famílias.

Em um esforço para tornar suas cidades mais seguras contra os males associados ao álcool, um dos objetivos da KKK no período pós-Guerra Civil era livrar suas comunidades dela. Com isso em mente, a KKK fez grandes doações financeiras à União de Temperança da Mulher Cristã (WCTU) em muitas comunidades. Parte da popularidade da WCTU, além de sua missão de temperança, era o seu lema original de 1874 que dizia "Para Deus e o Lar e a Terra Nativa".¹⁶

Assim, juntamente com pureza e domesticidade, o álcool ameaçava o fim de tudo o que abrangia o Culto da Verdadeira Feminilidade (*Cult of True Womanhood*), incluindo a piedade e a submissão das mulheres. Se os negros avançassem social ou

¹⁵ WELTER, B. *The Cult of True Womanhood: 1820-1860*. American Quarterly. Vol. 18, No. 2, Part 1. Summer: 1966. p. 152

¹⁶ KERBAWY, K. *Knights in White Satin: Women of the Ku Klux Klan*. Marshall University, 2007. P.25 - *In an effort to make their towns safer from the evils associated with alcohol, one goal of the KKK in the post-Civil War period was to rid their communities of it. With this in mind, the KKK made large financial donations to the Women's Christian Temperance Union (WCTU) in many communities. Part of the popularity of the WCTU, besides their mission of temperance, was their original 1874 motto that read "For God and Home and Native Land."*

politicamente, então os supremacistas brancos acreditavam que a mulher branca estaria ainda mais ameaçada, juntamente com seu *status* de "objetos" a serem defendidos e protegidos.

No trabalho de Kewarby, ela expõe alguns fatos baseados em documentos históricos que comprovam essas participações em movimentos sociais das mulheres que compunham parte do Klan e que mais tarde fariam parte do ramo exclusivamente feminino do grupo. Por exemplo, quando analisa a participação de Daisy Douglas Barr, uma Quaker, líder do grupo *Queens of Golden Mask* - um outro grupo auxiliar do Klan, que precedeu o WKKK - que possuía uma qualidade oratória excepcional, chefiando diversas missões evangelizadoras especialmente no estado de Indiana (estado com uma enorme presença de supremacistas brancos) para diversas classes sociais, especialmente a classe trabalhadora, tanto frequentadores de igreja, quanto os não frequentadores.

A ênfase da igreja Quaker na pureza social dentro de suas comunidades ajudou a estabelecer o palco para seu sucesso em movimentos progressistas. Essa ideologia coincidiu com a ênfase na pureza dentro da sociedade durante este período, que incluiu a erradicação da prostituição, do álcool e de outros vícios que ameaçavam a decadência moral dentro das cidades em toda a nação. Barr falava publicamente sobre questões de temperança no púlpito da igreja de Indiana e participou de outros fóruns públicos.¹⁷

Além disso, Kerbawy apresenta outro fato a partir de um documento da Klan que data de outubro de 1923 que explicitava a movimentação das mulheres para manter o país "seco", livre de álcool, a partir do voto. Em "Votos para mulheres: Algumas razões por que devem votar", a autora anônima declarou: "Sabemos que não queremos um bar em nossa esquina, podemos votar para manter nosso país 'seco'."¹⁸ A – possível – autora – ou autor - anônimo exemplifica a ideia de que as mulheres, se fossem emancipadas, tinham poder político suficiente para manter o álcool fora de suas comunidades. Por

¹⁷KERBAWY, K. op.cit. P.29 *The Quaker church's emphasis on social purity within their communities helped set the stage for her success in progressive movements. This ideology fell in line with the emphasis on purity within society during this time which included the eradication of prostitution, alcohol, and other vices that threatened moral decay within towns and cities across the nation. Barr spoke publicly on temperance issues from the pulpit of the Indiana churchs heat tended and numerous other public forums.*

¹⁸"Votes for Women: Some Reasons Why They Should Vote" *The Kluxer*. Vol.1 No. 14. Dayton: Ferret. Publishing Company, 27 October 1923. Ball State University Library Special Collections.

meio do movimento por sufrágio, essas mulheres encorajaram-se mutuamente e também com apoio dos membros masculinos da KKK argumentando que ajudariam a tornar o mundo da política mais honesto e menos fraudulento, além de ajudar a melhorar suas comunidades, banindo o álcool. Os membros da Klan afirmaram que isso era parte da responsabilidade das mulheres de recuperar a moralidade para a política. Assim, ao votar nos políticos que apoiavam a proibição do álcool, o objetivo de temperança da Klan seria cumprido e as mulheres teriam ajudado a influenciar a política de uma maneira positiva.

É de suma importância lembrar-nos das limitações dessa primeira onda feminista ao observarmos tais aproximações de um movimento progressista com mulheres supremacistas brancas se alinhando a causa. Se não fossem as influências dos movimentos Progressistas dos EUA no início do século XX, a *Women of the Ku Klux Klan*, jamais teria existido. Porém a origem do movimento sufragista americano foi elitista e com hegemonia das ideias liberais. Embora as mulheres brancas de classe média nascidas nos EUA tenham liderado a luta pelo sufrágio feminino, é importante lembrar que estas tinham objetivo liberal que era apenas percebido como radical.

As diversas contradições presentes nas ideologias das sufragistas - que revelam o elitismo, o racismo e os preconceitos etnocêntricos dos reformadores - foram analisadas em profundidade por Aileen Kraditor. Kraditor, junto com William O'Neill, argumentaram que as sufragistas perderam o potencial verdadeiramente radical presente na luta que vivenciavam, como transformações políticas e sociais igualitárias radicais quando colocaram o interesse próprio em primeiro lugar. Ambos os historiadores oferecem explicações convincentes para a falta de uma mudança substancial depois que as mulheres ganharam o direito de voto. Como diversas autoras comentam, além de Kewarby e Blee, Suzanne M. Marilley também mostra que o movimento sufragista, dada a sua origem elitista, utilizou-se de estratégias diversificadas para expandir a causa, mesmo que isso custasse a aproximação e o diálogo com movimentos supremacistas brancos, gerando resquícios ideológicos para a luta, mesmo após a Emenda Dezenove.

[...] para avançar sua causa em ambientes políticos que tratavam segregação racial, supremacia branca e ideologias nativistas como respeitáveis. Essas líderes tiveram que promover qualificações únicas das mulheres para o voto.

Pressupostos não-igualitários certamente não desapareceram depois que as mulheres ganharam direito ao voto; [...]¹⁹

Mesmo depois da conquista do direito pelo voto, as mulheres da Ku Klux Klan se mantiveram unidas e dispostas a fazer uso de sua nova ação social de maneira que mantivessem seus interesses no poder e quem sabe, torná-los hegemônicos. Isso foi possível, pois como anteriormente apontado, o feminismo e o movimento sufragista que as mulheres klanistas se aproximaram, era de caráter liberal, quase que majoritariamente burguês. Tais traços característicos da primeira onda são entendidos aqui como insuficientes para abranger as outras facetas opressoras que o capitalismo e o patriarcado se complementaram para reforçar, como a classe e a raça, e dessa forma parcialmente responsáveis por possuírem brechas que resultaram na criação da Women of the Ku Klux Klan. O feminismo liberal garantiu ao movimento diversas pautas essenciais a serem trabalhadas e os grandes avanços ocorridos em nome da defesa destas, porém a crítica usualmente feita é a de que o feminismo liberal carece de qualquer análise histórica que explique as origens da desigualdade dos sexos ou de uma análise sociológica que a relacione com o contexto institucional mais amplo. Ignorou no seu princípio as mulheres trabalhadoras e conservou-se, mais tarde, como um feminismo voltado à realidade de mulheres brancas de setores médios, especialmente.²⁰

Quanto ao entendimento sobre classe acerca do objeto que aqui estudamos, no início do artigo já desmistificamos o senso comum em torno da crença de que os participantes do Klan eram em sua origem e essência pobres “caipiras”, mas sim homens dos setores médios que acreditavam estar ameaçados com as novas políticas de inclusão racial dos negros no sul estadunidense. Apesar de o fator econômico não ser o principal e único catalizador do aumento significativo das mulheres na Ku Klux Klan como forma desesperada de manterem seu *status* na sociedade, indiretamente pode-se especular algumas questões. A abordagem marxista acerca do estudo das mulheres, esclarece que o capitalismo integra e emprega reações de poder pré-capitalistas, neste

¹⁹MARILLEY, Suzanne M. **Woman suffrage and the origins of liberal feminism in the United States, 1820-1920**. Harvard University Press, 1996. P. 2. *"Moreover, to advance their cause in political environments that treated racial segregation, white supremacy, and nativist ideologies as respectable, the leaders had to promote women's unique qualifications for the vote. Inegalitarian assumptions certainly did not vanish after women won voting rights; [...]"*

²⁰ARRUZZA, Cinzia. *Feminismo e marxismo: entre casamentos e divórcios*. Lisboa: Edições Combate, 2010. p.132

caso, o patriarcado, para criar hierarquias entre os explorados e os oprimidos, cavar fossos e erigir barreiras. Classe e gênero continuam a ser potentes instrumentos da divisão do trabalho. Como Arruzza aponta, e neste trabalho tendo a concordar de forma completa, a presença da força laboral feminina desempenha um papel fundamental para o capital em desqualificar setores de produção, em reduzir os custos salariais, para piorar as condições de trabalho, para introduzir precariedade.²¹ Assim como Saffiotti atenta para uma visão que não seja mecanicista, onde apenas a dimensão econômica seja observada na situação das mulheres, mas que é fundamental não perdê-la de vista, mas a luta socialista não ignorar a existência da opressão patriarcal:

A emancipação feminina é, pois, problema complexo cuja solução não apresenta apenas uma dimensão econômica. Mesmo a mulher economicamente independente sofre, na sua condição de mulher, o impacto de certas injunções nacionais e internacionais. Desde o desenvolvimento da indústria farmacêutica até as ideologias, tudo reflete na condição feminina. Eis por que qualquer ética socialista não pode perder de vista a condição singular em que tem lugar a existência feminina.²²

Sabendo disso, as poucas pesquisas que abordam o tema da inserção da participação feminina na Ku Klux Klan nos anos 20, possuem entendimentos superficiais sobre como foi possível tamanho crescimento no número de mulheres ativas na KKK e quais eram seus papéis dentro do grupo. Kebarwy, por exemplo, destaca que a líder Daisy Douglas Barr era uma mulher de “classe alta” e observa que Blee trabalha mais com a perspectiva de mulheres da classe trabalhadora e setores médios, nenhuma se aprofunda em tentar compreender mais afundo essa questão da classe social. Aqui não caberia um aprofundamento sobre o tema, onde é discutido de forma mais elaborada no trabalho de conclusão de curso já citado, porém pode-se notar com as poucas informações aqui trazidas, que estas mulheres se encontravam insatisfeitas com sua posição na sociedade, ou no seu próprio grupo, já que careciam e demandavam de mais ação em ambas as esferas, seja quais fossem suas intenções de utilizarem seus direitos, sua militância e luta, estas mulheres se encontravam em um cenário de submissão, de impotência para uma independência de suas ações que as afetava tanto no político,

²¹ Idem, p. 137

²² SAFFIOTTI, Heleieth. *A questão da mulher na perspectiva socialista*. Lutas sociais, n. 27, p. 96, 2011.

quanto no econômico, quanto no cultural, cenário este criado pelo sistema patriarcal que unido ao capitalismo, garantiu a manutenção desta multifacetada opressão feminina.

Contudo, torna-se de suma importância ressaltarmos que a pura percepção destas opressões não torna uma mulher uma militante pela sua liberação. O fato de ser mulher não garante uma militância feminista espontânea de todas as mulheres, tendo outras relações sociais envolvidas na vida destas e que estas agem de maneira diferente pra realidade cada uma. Assim, as mulheres da Ku Klux Klan buscam uma melhoria na sua vida material, ou a proteção do que acreditam ser sua pureza e moralidade feminina, através de uma luta imbricada com a supremacia branca, além de também a manutenção de relações conservadoras que oprimem outras mulheres de outras classes e raça, além delas próprias. Dessa forma, aqui é recusado a compreensão de um "feminismo segregacionista", pois não há congruência na compreensão aqui trazida sobre feminismo –sendo este entendido como a emancipação total das mulheres- com um movimento que advoga por causas femininas que reforçam aquilo já existente do patriarcado, capitalismo e racismo.

A queda

Mesmo assim, isso não impediu nem da WKKK e nem o próprio Klan da segunda geração, entrar em colapso rapidamente no final da década, vítima da crise econômica de 29, disputas internas, escândalos financeiros e a pressão midiática que cada vez mais expunha os atos violentos do grupo encapuzado que já não era aceito da mesma forma pela sociedade estadunidense. Para que seja provado a insuficiência da luta dessas mulheres racistas e sublinharmos os limites dessa luta feminina e não feminista, nos restringiremos aos problemas internos do grupo das mulheres e do/com o grupo nacional.

De acordo com Kebarwy os problemas internos começaram desde o início da criação do WKKK, pois havia diversas opiniões divergentes sobre qual seria o papel das mulheres na organização como um todo, além de muitos homens se recusarem de permitir a participação e qualquer ação por parte das mulheres de forma separada.

Os primeiros problemas internos iniciais começaram com a formação do WKKK, o Kamelia, a influência masculina e poder sobre os participantes do sexo feminino. Os líderes dentro da Ku Klux Klan diferindo em suas visões sobre o papel das mulheres na KKK, dividiram-se para formar os dois grupos

e ambos tentaram assumir as outras organizações femininas operando sob ideais semelhantes. Em 1923 e 1924, o WKKK, sendo a maior e mais poderosa organização, absorveu a maioria das outras organizações femininas de supremacia branca. No entanto, muitos líderes masculinos da KKK se recusaram a deixar o WKKK agir como uma entidade separada²³

Além disso, em meados dos anos 20, a imagem da Ku Klux Klan como um todo vinha sendo afetada devido a exposição de casos de corrupção e a violência extrema antes velada, agora era conhecida e chegara até a opinião pública, fazendo com que esta gradualmente se voltasse contra as ações do Klan. Este cenário pressionou o líder Hiram Evans que dedicou sua liderança a tentar salvar o Klan e ressignificá-lo, com uma roupagem menos violenta, mais benevolente e caridosa e dessa forma as mulheres seriam novamente úteis para a manutenção do grupo.

Sob a liderança de Hiram Evans, a Klan reagrupou e tentou mudar a opinião do público sobre suas atividades. A ilegalidade e a violência supostamente terminaram e a missão da Klan tornou-se promover a educação, a temperança, a bandeira americana, a moralidade e a caridade em nome do protestantismo. ³ Evans acreditava que as mulheres poderiam ser uma parte importante na promoção desses novos ideais, considerando seu trabalho anterior com várias instituições de caridade e movimentos que promoveram a nova imagem reformada da Klan.²⁴

Mas não foi o suficiente, o fator maior e mais relevante para a queda do grupo e do subgrupo – além de questões essenciais para o ponto deste artigo- foi acerca das diversas notícias que vieram a tona de abusos e escândalos de homens para com as mulheres klanistas ou da “comunidade” branca. Casos como espancamento de uma participante da organização no Alabama que se casou com um homem divorciado sob a justificativa de “corrigir” a imoralidade desta mulher, ou muitas que negligenciavam seus deveres domésticos e eram fisicamente agredidas ou sexualmente abusadas, foram comuns nesta época. Porém o caso crucial que determinou o fim dessa geração do KKK, foi o julgamento que viera à público rapidamente, de D.C Stephson em 1925. Stephson era um *Imperial Wizard* do Klan de Indiana e figura proeminente e conhecida entre a classe política. Stephson foi acusado de estupro e assassinato de Madge Oberholtzer e foi condenado à prisão perpétua pelo crime. Com isso, outros crimes envolvendo

²³ KEBARWY, K. op.cit. p. 76

²⁴ Idem. P.77

corrupção no meio político em que o líder tinha influência, acabaram por decretar de vez a segunda morte da KKK para a opinião pública.²⁵

Conclusão

A Ku Klux Klan não cessou suas atividades até hoje e a participação de mulheres também ainda é perceptível no grupo, porém o recorte temporal aqui escolhido foi para salientar uma das maiores contradições sociais: luta feminina dentro de um grupo conhecidamente racista, machista e conservador. Pôde-se provar que a farsa da retórica Klanista de se proteger a pureza e fragilidade da mulher branca foi posta à prova a partir do momento que conhecemos os casos diversos de abusos pelos próprios homens do grupo com as mulheres, sejam suas esposas ou não. Além disso pôde-se reparar na aproximação da fração feminina racista Women of the Ku Klux Klan com o movimento de temperança e o sufragistas e quais foram suas motivações, benefícios, aprendizagens e limites que obtiveram com essas ligações. Observou-se também o essencial deste trabalho, o limite de um movimento feminino que se propõe a certas pautas que avançam apenas dentro e dos limites da atmosfera conservadora e machista de um grupo de ódio e como não cairmos na armadilha de acreditarmos ser um movimento feminista.

As mulheres klanistas nos anos 20 e até hoje, permanecem por comandar a si mesmas – ou nem isso – e nunca comandarem os homens. Nunca foi sobre igualdade entre os sexos e sim sobre a supremacia branca e todas as hierarquias que esta carrega e defende.

BIBLIOGRAFIA

ARAGON, B. Women in AmeriKKKa: as mulheres no Ku Klux Klan contemporâneo. Universidade Federal Fluminense, 2018.

ARRUZZA, Cinzia. Feminismo e marxismo: entre casamentos e divórcios. Lisboa: Edições Combate, 2010.

BAUDOIN, Richard E. Ku Klux Klan: a history of racism and violence. Southern Poverty Law Center, 1997.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016

²⁵ JACKSON, K. The Ku Klux Klan in the City, 1915-1930. Rowman & Littlefield, 1992. p.157

DOB RATZ, Betty A.; SHANKS-MEILE, Stephanie L. White power, white pride! : the white separatist movement in the United States. Twayne Pub, 1997.

JACKSON, K. The Ku Klux Klan in the City, 1915-1930. Rowman & Littlefield, 1992.

KERBAWY, K. Knights in White Satin: Women of the Ku Klux Klan. Marshall University, 2007.

MARILLEY, Suzanne M. Woman suffrage and the origins of liberal feminism in the United States, 1820-1920. Harvard University Press, 1996.

SAFFIOTI, Heleieth. A questão da mulher na perspectiva socialista. Lutas sociais, n. 27, p. 96, 2011.

TUCKER, Richard K. The dragon and the cross: the rise and fall of the Ku Klux Klan in Middle America. Hamden, Conn: Archon Books, 1991.

VALCÁRCEL, A. UNITED NATIONS. ECONOMIC COMMISSION FOR LATIN AMERICA et al. The collective memory and challenges of feminism.

WELTER, B. The Cult of True Womanhood: 1820-1860. American Quarterly. Vol. 18, No. 2, Part 1. Summer: 1966.